
LEITURA, ESCRITA E LETRAMENTO: UMA PRÁTICA DIFERENCIADA

CALIMAN, Natália Silva¹
BARBOSA, Maria do Carmo Rodrigues²

Recebido em: 2010.06.29

Aprovado em: 2010.09.25

ISSUE DOI: 10.3738/1982.2278-375

RESUMO: Esse trabalho investiga a importância do Letramento na produção de textos de alunos de um Núcleo Social Educativo. A pesquisa foi realizada no Núcleo Sócio Educativo Recriação I no interior do Estado de São Paulo, na qual foram observados cinco alunos com idades entre sete e catorze anos. O objetivo deste estudo foi descrever o percurso da produção de texto em atividades realizadas pelos alunos durante quatro cenas de interação professor/aluno e aluno/aluno. O corpus foi analisado, buscando mostrar a importância do letramento na produção textual.

Palavras -chave: Letramento, Cenas, Interação e Produção Textual

SUMMARY: This study focuses on the importance of literacy in textual production by students from Social and Educational Nucleus. The research was done at the Social and Educational Recriação I Nucleus in a country town in São Paulo state. Five students from seven to fourteen years old were observed. The aim of this research was describe the development in textual production by the students during four scenes of interaction: teacher / student and student / student. The corpus was analyzed and shown the importance of literacy in textual production.

Keywords: Literacy, Scenes, Interaction, Textual Production.

INTRODUÇÃO

“Letramento é, pois o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2004, p.18). Essa afirmação de Soares resume o tema desse trabalho que está no horizonte de investigação.

De acordo com Soares (2004) há uma diferença significativa entre uma pessoa alfabetizada que é aquela que sabe ler e escrever, e uma pessoa letrada que além de saber ler e escrever envolve-se nas práticas sociais de leitura e de escrita, diferenciando do analfabeto que não sabe ler nem escrever.

Justifica-se a escolha desse tema por ser muito relevante e atual tanto na área da educação brasileira como na área da educação de países estrangeiros. Abordar tais questões inclui destacar as diferenças entre considerar um indivíduo alfabetizado e outro letrado.

¹ Licenciada em Letras – e-mail: mtodoida_naty@hotmail.com

² Mestre em Educação – FE/FFCL

Distingui-los e saber separá-los é extremamente importante para medir o nível de conhecimento de cada um.

Para isso são analisadas diversas vertentes como a maneira em que a sociedade pode influenciar no processo de alfabetização, ou como funcionam as habilidades de leitura e escrita na vida social de um indivíduo.

Nesse trabalho buscou-se conhecer a importância da socialização nos processos de alfabetização e letramento, os caminhos percorridos por um indivíduo até que se chegue à alfabetização e avaliou os diferentes níveis de letramento. Procurou-se, ainda, conhecer por que os processos de alfabetização e letramento devem ocorrer simultaneamente.

A pesquisa mostrou que todos os alunos independentemente de seu nível sócio-cultural podem construir seu conhecimento desde que haja uma mediação consciente de professor/aluno ou aluno/aluno.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1 NO MUNDO DA ESCRITA: UMA VISÃO PSICOLINGUÍSTICA

Segundo Kato (2003), a linguística moderna surgiu com o objetivo de mostrar a importância de estudar a linguagem oral, e para se opor à gramática normativa.

A fala e a escrita são em parte resultantes uma da outra, mas que, na fase inicial é a escrita que tenta representar a fala.

O homem desde a pré-história sentia necessidade de se comunicar. Isso tudo é decorrente do anseio que o homem sente em se expressar. Por essa razão o homem primitivo passou a desenhar sobre a superfície de objetos com o intuito de expressar visualmente suas ideias. Com o tempo a expressão visual desenvolveu-se em duas direções: o desenho como arte e o sistema pictográfico para comunicação.

O sistema pictográfico não apresenta uma relação direta com a fala, entretanto, posteriormente caminha para a sua representação tornando-a um simbolismo de primeira ordem. Para Kato (2003, p.13) “os logogramas (ou ideogramas como são mais conhecidos entre nós) são o resultado dessa estilização e convencionalização”. Durante esse processo de convencionalização, passaram a representar ideias relacionadas a objetos primitivos antes representados pelos pictogramas. Ocorre que nesse momento surgiram também sinais auxiliares, como a pontuação. Apesar de nessa fase os logogramas terem o valor de uma sílaba, o sistema silábico se desenvolveu de fato somente algum tempo depois.

Antes, entretanto surgiu ao sistema silabário um fenômeno chamado rébus, que vem a ser a representação de palavras ou sílabas por pictogramas, usando apenas os sons dos nomes dos objetos. Depois de algum tempo com a ajuda dos fenícios e do seu espírito prático de comerciantes foi que surgiu a escrita lexical silábica dos egípcios, constituída por vinte e quatro símbolos sendo eles formados apenas por consoantes.

Quanto ao alfabeto os gregos se basearam no silabário fenício para criar a escrita alfabética. O que antes era feito sem seguir regra alguma pelos fenícios, ou seja, a inserção de vogais depois de consoantes, entre os gregos tornou-se uma norma.

Para Kato (2003), em primeiro momento parece fácil responder a essa questão afirmando que a natureza da nossa ortografia é alfabética. Entretanto num segundo momento, após avaliar diferentes formas de pronúncias do mesmo fonema a autora chega à conclusão de que

Embora a primeira intenção tenha sido talvez a de fazer um alfabeto de natureza fonética, o fato de toda língua mudar, ter diferenças dialetais e variações estilísticas que afetam a pronúncia impediu que a escrita alfabética pudesse ter uma natureza estritamente fonética. (KATO, 2003, p.17)

1.1 LER E ESCREVER

Em vários aspectos ler e escrever se assemelham a ouvir e falar. Assim como todos são considerados atividades de comunicação, mesmo que as condições de interação entre emissor e audiência sejam diferentes entre um caso e outro.

Segundo Kato (2003), um ato de comunicação verbal, seja ele oral ou escrito é caracterizado por: por transmitir intenções e conteúdos; por ter uma forma adequada à sua função; por envolver uma relação cooperativa entre emissor e receptor.

Ao falar ou escrever um texto busca-se alcançar a coerência do discurso produzido. Essa coerência seja ela textual ou discursiva depende de três níveis sendo eles: a) a coerência global, b) a coerência local, e c) a coerência temática.

A coerência global diz respeito a adequação do texto em relação a nossa visão de mundo. Já a coerência local tem a ver com a consistência interna. Finalmente vem a coerência temática que visa responder pela manutenção do tópico do discurso.

Segundo Kato (2003), há inúmeras estratégias que os leitores empregam no ato da leitura. Elas funcionam como suporte para auxiliar na compreensão de um texto. Para que esse processo ocorra, ele irá depender de algumas condições: a) do grau de maturidade do sujeito como leitor, b) do nível de complexidade do texto, c) do objetivo da leitura, d) do grau de conhecimento prévio do assunto tratado, e) do estilo individual do leitor.

1.2 FATORES QUE DETERMINAM A FORMA DA LEITURA

Para Kato (2003, p.75) é necessário fazer “uma distinção entre ler com o objetivo geral de compreender o texto (fazer sentido do texto) e ler com objetivo específico de busca de informações”.

Para a autora esses diferentes objetivos buscados ao efetuar uma leitura, é que vão designar a maturidade do leitor. Mas isso só ocorre de forma gradativa, contando com um subconjunto diferente a cada estágio de desenvolvimento e cada leitor traz em si um estilo individual para desempenhar o ato da leitura:

Há leitores que são mais adivinhadores do que outros. São os que fazem largo uso de processamento descendente. Há outros que preferem se ater às informações estritamente textuais; são os leitores que dão preferência à leitura ascendente. Há leitores que gostam de ler vocalizando; há outros que têm dificuldade de entender quando lêem em voz alta; há outros, ainda que usam completamente ambos os processos. (KATO, 2003, p. 76)

No processo da fala envolve duas atividades: o planejamento e a execução. Planeja-se o que quer dizer e como isso será dito. A execução é apenas um processo de por em prática aquilo que foi planejado. O planejamento e a execução envolvem vários níveis: do discurso; da sentença; do constituinte; do programa articulatorio.

Às vezes acontece do falante não planejar bem o seu discurso devido a uma certa dificuldade cognitiva (à respeito do assunto) ou até mesmo pela ansiedade situacional. Consequentemente resulta em falsos começos como: as pausas, correções, repetições e gaguejos.

Com isso pode-se perceber que o ato da fala é “uma ação-processo que envolve decisões em várias etapas e em vários níveis, desde a de natureza pragmático-discursiva (que o ato desempenhar, o que pressupor de meu ouvinte), até de níveis gramaticais e fonético-articulatorios”. (KATO, 2003, p. 81)

Em se falando dos estudos sobre a leitura pode-se afirmar que entre o ato de ler e o ato de escrever existe uma semelhança, visto que ambos trazem uma visão componencial. Além disso esses modelos têm mais pontos em comum o ato de escrever envolve uma meta e um plano e o ato de escrever funciona como resolução de problemas.

2 ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS DAS CLASSES POPULARES

2.1 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES: LIÇÕES DE PRÁTICA

De acordo com Oliveira (1989), em um estudo realizado em classes populares no

período de alfabetização pôde-se constatar que o uso das antigas tradicionais cartilhas ainda hoje é valorizado por alguns professores. Porém, o que estes acabam se esquecendo ao adotar tal procedimento é que para o aluno alcançar a alfabetização com sucesso não deve ser alfabetizado por meio de palavras ou frases soltas, e sim através de textos relacionados ao seu contexto real de vida, ou seja, carregado de sentido.

A autora, então, sugere às professoras que repensem suas práticas e analisem os equívocos de uma pedagogia meramente baseada na codificação/ decodificação para que dessa forma o sentido real da leitura e da escrita seja de fato compreendido.

Com base em textos dos alunos a autora mostra que entre alguns erros de ortografia, concordância ou sintaxe, o texto revela algo mais importante sobre essa criança como os conhecimentos por ela já absorvidos a respeito da língua escrita e dos seus usos. Pois para uma criança dessa fase “saber a função social da língua e usá-la com propriedade para se expressar é o essencial”. (OLIVEIRA, 1989, p.75). Mediante isso o aperfeiçoamento da escrita das crianças é uma questão de tempo contando sempre com ajuda indispensável do professor.

Já em relação à resistência dos professores em abdicar do uso da cartilha e partirem para os novos métodos de alfabetização, revelou-se uma luta em defender aquilo que haviam aprendido, e aquilo que julgavam o certo ou a melhor maneira de alfabetizar, pois para elas não havia melhor maneira de o fazer a não ser esta com o uso da cartilha.

Vygotsky (1988), retomando a afirmação de Marx, postula que o sujeito constrói sua ação e sua própria consciência em interação na sociedade na qual está inserido, o que leva a compreender que as representações que os professores – têm sobre escrita, sobre leitura, sobre aprendizagem não são meras representações individuais nem, tampouco, reflexos passivos das visões veiculadas pela sociedade. São construções pessoais, porém socialmente mediadas. (OLIVEIRA, 1989, p.79)

2.2 LETRAMENTO: UM DESAFIO CONTEMPORÂNEO

2.2.1 UMA BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA

Segundo Soares (2004) letramento é um termo recente no vocabulário dos educadores e dos linguistas brasileiros. Uma de suas primeiras aparições foi no livro de Mary Kato, de 1986 (No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística, Editora Ática), a autora diz acreditar que a linguagem culta "é consequência do letramento".

Após dois anos, no livro de 1988 (Adultos não alfabetizados: o avesso dos avessos) a

escritora Leda Verdiani Tfouni apresenta a distinção entre os termos alfabetização e letramento. A partir daí este ganha maior reconhecimento entre os especialistas da área da educação, tanto que em 1995 Ângela Kleimam intitula seu livro como: Os significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.

A palavra letramento surgiu pelo fato de hoje haver uma nova forma de compreender a escrita voltada para o social. No dicionário Aurélio da Língua Portuguesa é possível encontrar as palavras analfabetismo, analfabeto, alfabetizado, alfabetização, alfabetizar e letrado, termos bastante conhecidos no campo semântico, porém, a palavra "letramento" que ainda hoje nos causa certa estranheza não foi possível encontrar no mesmo.

Letramento é, pois o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES, 2004, p.18)

O surgimento do letramento foi devido à mudança na forma de considerar o acesso ao mundo da leitura e da escrita. Visto que antes se considerava analfabeto o indivíduo incapaz de escrever o próprio nome, hoje procura-se verificar a habilidade na utilização da leitura e da escrita nas práticas sociais, ou seja, o nível de letramento.

2.2.2 DIFERENÇA ENTRE ALFABETIZADO E LETRADO

Soares (2004) leva em conta dois fenômenos envolvidos no letramento: a leitura e a escrita. Ler é a habilidade de decodificar a língua, essa capacidade pode variar desde ler um simples bilhete até uma obra literária de Machado de Assis. Escrever também é uma habilidade que abrange desde escrever uma simples lista de compras até desenvolver uma tese de doutorado. “Conclui-se que há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural”. (SOARES, 2004, p. 49)

Atualmente os métodos que avaliam o analfabeto e o alfabetizado, sofreram algumas modificações. Até a década de 40, o formulário do censo definia o nível de alfabetização de um indivíduo através da sua capacidade para assinar o próprio nome.

A partir dos anos 40 os critérios mudaram para ser considerada alfabetizada a pessoa teria que ser capaz de ler e escrever um simples bilhete. Tais mudanças nos critérios de avaliação revelam mudanças históricas, culturais e sociais no nosso país.

2.3 A PRODUÇÃO TEXTUAL: UMA PRÁTICA DIFERENCIADA

Segundo CENPEC (1997), a linguagem verbal é constituída através da interação entre

as pessoas, ela se torna significativa quando o sujeito usa a língua para melhor compreender o mundo a sua volta.

Ensinar a Língua Portuguesa engloba práticas de expressão oral, leitura e produções de textos tanto orais quanto escritos. Dessa forma pode-se perceber que o ensino de Língua Portuguesa na escola fundamental deve ser voltado para que o aluno: saiba se expressar nas mais variadas situações e consiga ser entendido; torne-se capaz de compreender diferentes textos; torne-se usuário da escrita sendo capaz de decidir qual tipo de texto e quais recursos linguísticos serão usados.

Seja capaz de trabalhar os aspectos de organização que comprometem a clareza do texto, a coesão e a coerência.

2.4 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA PROPOSTA DIFERENCIADA

Segundo Higuchi (1997), o aporte visual para registrar uma história é algo vindo desde a época das cavernas. Como ocorreu com as figuras egípcias, os murais fenícios e as pinturas renascentistas eram usados para contar toda história da humanidade em formato de uma grande história em quadrinhos.

No Brasil o quadrinista José Alberto Loveiro registra o surgimento da primeira história em quadrinhos em 1869, com, Ângelo Agostini e seu personagem “Nhô quim”. Entretanto o marco mais aceito mundialmente é a data de 1896 com o americano Richard Outcault e seu “yellow Kid”.

A HQ surgiu para representar uma nova forma de manifestação cultural, para tanto carrega em si a finalidade de transmitir uma mensagem narrativa recorrendo a dois canais sendo eles: a imagem e o texto.

A mensagem linguística das histórias em quadrinhos é baseada nos dois aspectos abaixo: no aspecto narrativo (descrição dos acontecimentos); no diálogo, que na maioria das vezes se apresenta dentro de balões, cujo formato designa o sentimento do personagem naquele instante.

No cinema percebe-se com facilidade o movimento de aproximação, distanciamento e deslocamento que a câmera promove em relação ao cenário, objetos e personagens. Na HQ a narrativa parece ter menos mobilidade, ou mobilidade bem mais lenta e nem sempre a percebemos. Treinando olhar, podemos perceber a riqueza de possibilidades no registro da ação e nas diferentes tomadas. (HIGUCHI, 1997, p.142)

2.5 LITERATURA OU HQ NA SALA DE AULA

É indiscutível a importância de se trabalhar clássicos literários nas escolas. Mas por outro lado percebe-se o quanto as imagens estão cada dia mais presentes no nosso cotidiano.

São por essas e outras que as HQs ganharam reconhecimento e passaram a fazer parte da Proposta Curricular de Português, tendo por objetivo propor que os alunos desenvolvam algumas capacidades relacionadas a ela tal como: identificar elementos constituintes (personagens, sequência temporal, drama/ enredo); analisar a disposição de recursos gráfico-visual; fazer uma relação entre o título e a história apresentada; balões como recurso gráfico; observar legendas, como mais um recurso de narrativa.

Como afirma Higuchi (1997, p.153) “as escolas, ao promover atividades que envolvam os meios de comunicação de massa, pode levar o aluno a conhecê-los melhor, desmistificando-os na medida em que os processos de produção sejam conhecidos”. No caso das HQs os alunos poderão ampliar seu prazer pela leitura ao depararem com histórias abordando diferentes temas e através dos recursos usados pelo quadrinista os alunos poderão explorar sua capacidade imaginária.

PERCURSO METODOLOGICO

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Essa pesquisa foi realizada no município de Ituverava, situado no Noroeste do estado de São Paulo, na região Sudeste do Brasil. A instituição educacional escolhida para o desenvolvimento dessa pesquisa foi o Núcleo Sócio Educativo Recriação I, localizado na Rua Coronel Barbosa Dionísio Sandoval, n. 1197. O projeto Recriação I surgiu através de um convênio entre o Governo Federal e a LBA (Legião Brasileira de Assistência), o acordo foi assinado em 15 de Dezembro de 1987.

O município de Ituverava foi a segunda cidade da região a aderir ao projeto Recriação, que tinha por finalidade oferecer às crianças com idades entre 7 e 14 anos um período de recreação com esportes, artesanato, alimentação e reforço escolar.

Atualmente o Núcleo Sócio Educativo Recriação I atende mais de 150 alunos matriculados nos períodos matutino e vespertino, desempenha um papel importantíssimo no desenvolvimento sócio educativo de cada aluno, proporcionando-lhes subsídios necessários para torná-los cidadãos dignos e cumpridores de seus deveres.

Entre dez alunos que participaram do processo foram escolhidos cinco para serem os sujeitos da pesquisa, pelo fato de apresentarem diferentes níveis de aprendizagem. A pesquisa foi dividida em quatro cenas. A cena I denominada “Quem sou eu” tinha como objetivo caracterizar o sujeito da pesquisa, sendo assim foi proposto aos alunos que respondessem a um questionário sobre questões pessoais.

Na cena II denominada “O FILME- O GAROTO” foi proposto aos alunos que assistissem ao filme “O garoto” de Charles Chaplin. Já na cena III nomeado como “VÍDEO FÓRUM – O GAROTO”, os alunos foram designados a responderem um questionário a respeito do filme que haviam assistido no dia anterior. E por fim na cena IV denominada “HQS”, os alunos receberam a tarefa de representar o filme “O GAROTO” em formato de história em quadrinhos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

1 CENA I- “QUEM SOU EU”?

Essa pesquisa qualitativa e de campo foi realizada em uma das salas do Núcleo Sócio Educativo Recriação I com crianças de sete a quatorze anos.

Participaram da pesquisa dez alunos sendo cinco escolhidos para serem os sujeitos da pesquisa por pertencerem a níveis diferentes de conhecimento.

O Corpus constituído de quatro cenas I, II, III e IV, sendo a Cena I denominada “Quem sou eu?”, a Cena II, “O filme – O garoto” de Charles Chaplin, a Cena III – O Vídeo Fórum e a Cena IV- “Histórias em Quadrinhos”.

Analisando a primeira Cena “Quem sou eu?” pode-se fazer uma caracterização individual coletando dados sobre a personalidade de cada um.

Nome: Joaquim Antônio da Silva Neto
 Série: 8ª A
 Idade: 14 anos

Questionário: quem sou eu?

1-O que acho que é importante falar sobre mim?

Me dar uma chance de ser jogador de Futebol

2- O que quero que as pessoas saibam sobre mim?

nada além da verdade.

3-O que gosto e o que não gosto em mim? gosto de jogar futebol
 não gosto de jogar vôlei e etc...

4-Quais são as minhas qualidades? bonito, legal, gentil
 super legal com as pessoas e simpático

5-Quais são os meus defeitos? muita reclamação
 de mundo e de todos

2 Cena II: “O filme – O Garoto”

Analisando a Cena II denominada “O filme- O Garoto” descrito no percurso metodológico, percebe-se o quanto é importante que o professor planeje uma aula diferenciada. Usando um filme como recurso o professor consegue prender a atenção dos alunos e trazer até eles um aprendizado, fugindo da rotina sala de aula / lousa/ caderno.

Assim como afirma CENPEC (1997), ensinar a Língua Portuguesa engloba práticas de expressão oral, leituras e produções de textos tanto orais quanto escritos. Essa fala de CENPEC enfatiza a idéia que para o ensino da língua materna tenha maiores resultados, o professor precisa sempre procurar renovar-se, buscando métodos atrativos e eficazes que consigam suprir as expectativas e necessidades dos alunos.

3 CENA III – VÍDEO FÓRUM – “O GAROTO”

Analisando a Cena III “Video-Forum – O garoto”, percebe-se através das respostasdadas ao questionário proposto que a grande maioria dos alunos ainda não possui uma escrita totalmente aperfeiçoada, sendo possível observar traços nítidos de coloquialidade e erros ortográficos em grande parte das respostas. Como, por exemplo, nas respostas dadas pelo aluno Joaquim às perguntas.

Pergunta: **Qual foi a cena de maior influência ou de maior impacto?**

Joaquim: **A sena que a mãe abandona o garoto ainda bebe.**

Pergunta: **Qual cena você gostou?**

Joaquim: **Quando o menino taca pedra nos vidros para comer.**

Para Graff (1987) “O letramento é acima de tudo, uma tecnologia ou conjunto de técnicas usadas para a comunicação e para a decodificação e reprodução de materiais escritos ou impressos não pode ser considerado nem mais nem menos que isso”.

4-Analisando o filme

1- Quais são os personagens do filme?

o vagabundo a mãe e filho.

2- Qual a cena que mais lhe chamou atenção?

do ex-famato

3- O que você tem a dizer a respeito dos personagens abaixo:

O Vagabundo- muito Bom.

A mãe - muito Bonita

O garoto- muito legal o

garoto

4- Que significado teve o filme para você?

de um abandono da mãe

5- Qual cena você mais gostou?

Quando o menino taca pedras nos vidros para comer

6- O que você achou de assistir a um filme mudo?

diferente

7- Você gostou do final do filme? Por quê?

Por que o filho encontra a mãe e o vagabundo fica feliz

4 CENA IV- “HQ”

Analisando a Cena IV denominada “Histórias em Quadrinhos”, percebe-se a importância da realização de uma aula diferenciada. Nessa cena houve bastante interação entre professor/aluno e aluno/aluno. Trocaram idéias entre si e se divertiram na elaboração dos quadrinhos. Percebe-se na produção de cada aluno uma preocupação em transmitir os acontecimentos do filme de maneira clara e objetiva, utilizando-se de artifícios como balões e falas para incrementar a estética de sua produção.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que nos dias atuais requer-se do aluno muito mais que o conhecimento das primeiras “letras”, procurou-se focar nesse trabalho a aquisição da leitura e da escrita através do processo de letramento. Pode-se ressaltar que a incorporação das escritas sociais é de suma importância para a aquisição da escrita.

É importante ressaltar que os processos de alfabetização e letramento devem ocorrer simultaneamente, mas o que muitas vezes ocorre nas salas de aula não é bem essa proposta, pois alguns educadores amarrados em didáticas tradicionais trabalham apenas o processo de

alfabetização e deixam o processo de letramento de lado.

Essa proposta de trabalho procurou demonstrar o uso de práticas pedagógicas renovadas a fim de contribuir para a melhoria da metodologia usada em sala de aula. Procurou-se ainda focar as noções de alfabetização e letramento, mostrando como é possível trabalhar em dois processos de modo articulado nas séries do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

- CENPEC. **Ensinar e aprender:** construindo uma proposta. Impulso Inicial Língua Portuguesa. Secretaria do Estado de São Paulo, 1997.
- GERALDI, J. W. Unidades básicas do ensino de português. In: **O Texto na sala de aula.** 3.ed: Ática, 2004.
- HIGUCHI, K. K. Super-Homem, Mônica & Cia. In: CITELLI, A. **Aprender e ensinar com textos não escolares.** São Paulo: Cortez, 1997.
- KATO, M. A. **No mundo da escrita:** uma perspectiva psicolinguística. 7.ed. São Paulo: Ática, 2003.
- KRAMER, S. A autoria e Autorização: Questões éticas na pesquisa com crianças. **Caderno de Pesquisa**, n. 116.p. 41-59, Jul. 2002.
- O GAROTO. Direção Charles Chaplin. Duração 68 minutos, (1921, comédia, cor preto e branco, mudo)
- OLIVEIRA, A.M.M. A formação de professores alfabetizadores: Lições da prática. In: GARCIA, R.L. **Alfabetização dos alunos das classes populares.** 6.ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- PEREIRA, A.H.B; BARRACHI, S.B.M. **História e geografia de Ituverava,** 1997.
- PEREZ, C.L.V. O prazer de descobrir e conhecer. In: GARCIA, Regina Leite. **Alfabetização dos alunos das classes populares.**6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.